

BAGNO, MARCOS
Uma história da Linguística (tomos 1 e 2).
Parábola Editorial, 2023, 606 pp.

Marcela Faria¹

0000-0002-0506-7007 

¹ Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), Portugal.

Autor correspondente: marcelafaria@gmail.com

Muitas vezes se fala em acasos felizes, remetendo-se para o conceito “serendipidade”. Este pode ser considerado um exemplo desses momentos. Deparámo-nos com esta obra e notámos que o título era efetivamente promissor. Desde logo, por ser ao mesmo tempo audaz e despretensioso: não é *a* história da linguística, é *uma* história da linguística.¹ Para nossa sorte (e de todos; não só de linguistas, mas de todos os falantes de português que tenham um interesse mais apurado nos mistérios desta aptidão), não desiludiu. Independentemente de se concordar ou não com determinadas ideias apresentadas no texto,² há uma revisão histórica solidamente documentada (diversificada e com as devidas remissões para os autores) que indubitavelmente merece ser lida. Este é, parece-nos, um daqueles livros que muitos gostariam de ter escrito, porquanto é um apanhado crítico muitíssimo bem tecido³ de anos e anos de história; não só, de certa forma, de história em geral, como, em particular, de história da linguagem humana, faculdade que nos permitiu chegar aqui, onde nos encontramos.

A obra “Uma história da linguística”, de Marcos Bagno, editada em 2023 pela Parábola Editorial, divide-se em dois tomos: Tomo 1 – *da Antiguidade ao Iluminismo* (pp. 1–298) e Tomo 2 – *do século 19 ao limiar do século 20* (pp. 301–606), fazendo-se, como vemos, a bipartição por ordem cronológica, ou seja, no primeiro livro, a história

¹ Sobre a escolha do indefinido, recordamos as palavras do autor:

Esse *uma* delimitador funciona como salvaguarda íntima contra qualquer veleidade de produzir um relato exaustivo, dado que a exaustividade é, por natureza, incompatível com o ofício historiográfico em qualquer área de conhecimento. Toda história é uma história, é aquela que o autor quis ou conseguiu escrever, com a parcialidade inevitável a qualquer empreendimento humano, com os recursos que estavam a seu alcance e com os critérios de seleção e exclusão que inventou como verdade para si mesmo. Nada disso, evidentemente, o exime da crítica, que, no entanto, ela também, será sempre uma e parcial. (Bagno 2023a, p. XIX)

² Algumas menos estritamente linguísticas, como, por exemplo, a opção pela não utilização da numeração romana na designação dos séculos (cf. caixa superior na p. 8) ou, ainda, a apresentação de reflexões sociais e políticas – ver, por exemplo, pp. 571–572.

³ A redação é escurra e atrativa e a organização estética é igualmente apelativa e funcional. Fez-se uso de caixas de destaques a par do texto principal, de tabelas e de imagens (algumas apresentam mesmo um QRcode para remissão direta) para completar, sustentar ou explicar melhor a informação em texto corrido, o que, na nossa opinião, contribui muito positivamente para a prossecução da leitura da obra.

desde as antigas tradições orientais até ao século XVIII e, no segundo, do século XIX em diante, com a ressalva de se tratar de forma mais exaustiva a revisitação somente até ao fim da segunda década do século XX e de, relativamente a datas posteriores, serem apenas apresentados alguns apontamentos sobre as mais recentes investigações e divisões teórico-metodológicas nos estudos linguísticos.

A dimensão do que é abarcado nos dois tomos torna praticamente irrealizável uma tentativa profícua de um resumo crítico não deficitário, pelo que procuraremos mormente apresentar a estrutura da obra e sobre ela partilhar algumas notas breves com o intuito de estimularmos a curiosidade dos nossos alocutários e de os levarmos a iniciarem a leitura. A qualidade da obra impelirá ao resto.

Tomo 1

O primeiro volume inicia-se com a exposição do *Índice geral* e com a apresentação de uma *Nota do editor* e de uma secção designada *Primeiras palavras*. Estas duas últimas partes contêm passagens menos “científicas” e mais pessoais, o que se compreende, a nosso ver, pela efetiva dimensão da pesquisa, do estudo preparatório levado a cabo, e pelo empenho aplicado no desígnio de apresentar, como se lê na referida *Nota do editor*, “a primeira história da linguística escrita diretamente em português” (Bagno, 2023a, p. XIV).

Passando-se efetivamente à obra em si, apresenta-se uma *Introdução* (pp. 1–35) e divide-se o volume em cinco capítulos: Capítulo 1 – *Antigas tradições orientais* (pp. 37–58); Capítulo 2 – *Grécia e Roma: da filosofia à gramática e além* (pp. 59–112); Capítulo 3 – *Idade Média: um longo intervalo de mil anos* (pp. 113–157); Capítulo 4 – *Renascimento e Era Moderna: a volta aos clássicos e a descoberta do outro* (pp. 159–218) e, por fim, Capítulo 5 – *Séculos 17 e 18: a razão, a empiria e o Iluminismo* (pp. 219–298).

A *Introdução* do livro recorda criticamente alguns conceitos basilares nos estudos linguísticos (escrita, fala, arbitrariedade, descrição, prescrição, entre outros), elenca os, segundo o autor, “três grandes ‘problemas’ dos estudos da linguagem”: “a origem (e natureza) da linguagem e das línguas; a relação entre linguagem e pensamento; a mudança linguística” (Bagno, 2023a, p. 2), lança notas preambulares sobre o enquadramento da discussão linguística na bipartição histórico-filosófica que, como refere o autor, “... de certo modo, é inaugurada pelos sistemas filosóficos de Platão e de Aristóteles” (Bagno, 2023a, p. 3) e termina com uma síntese prenunciativa que se intitula *A história que este livro conta*.

Relativamente ao Capítulo 1, dividido em *Introdução* (pp. 37–38), 1.1 *Mesopotâmia* (pp. 38–43); 1.2 *A tradição hindu* (pp. 43–48); 1.3 *A tradição árabe* (pp. 48–52) e 1.4 *A tradição judaica* (pp. 52–58), destacamos essencialmente a importância e o cuidado de não se deixar de lado a história oriental, pois “a maioria dos livros que contam a história da linguística costumam se concentrar na trajetória que as reflexões sobre a linguagem têm percorrido desde os gregos antigos até aos dias de hoje” (Bagno, 2023a, p. 37).

No que toca ao Capítulo 2, que se divide em *Introdução* (p. 59), 2.1 *A revolução do alfabeto* (pp. 59–63); 2.2 *A palavra gramática* (pp. 63–64); 2.3 *O lugar da linguagem na*

filosofia grega (pp. 64–67); 2.4 *Natureza ou convenção?* (pp. 67–72); 2.5 *Gregos e bárbaros* (pp. 72–73); 2.6 *Platão: ónoma e rhêma* (pp. 73–78); 2.7 *Aristóteles e as impressões na alma* (pp. 78–83); 2.8 *Os estoicos* (pp. 83–91); 2.9 *As cidades-Estados e as suas colônias* (pp. 91–93); 2.10 *As conquistas de Alexandre* (pp. 93–94); 2.11 *O período helenístico* (pp. 94–96); 2.12 *Os gramáticos alexandrinos* (pp. 96–104); 2.13 *Gramática e ideologia linguística* (pp. 104–108); 2.14 *A gramática em Roma* (pp. 108–111) e 2.15 *O lugar da gramática na formação do cidadão romano* (pp. 111–112), sublinhamos a abrangência da revisitação das bases dos estudos linguísticos ocidentais, o que nos possibilita um rastreamento claro de conceitos que usamos atualmente sem que por vezes tenhamos sobre eles a consciência mais “epistemológica”.

Em relação ao Capítulo 3, dividido em *Introdução* (pp. 113–116), 3.1 *As sete artes liberais* (pp. 116–118); 3.2 *Antes da Idade Média: a Antiguidade tardia* (pp. 118–121); 3.3 *Autores da transição* (pp. 121–128); 3.4 *A Idade Média inicial e central* (pp. 128–137); 3.5 *A redescoberta de Aristóteles e as primeiras universidades* (pp. 137–140); 3.6 *A gramática especulativa* (pp. 140–143); 3.7 *Os modistas* (pp. 143–148) e 3.8 *Testemunhos da mudança linguística* (pp. 149–157), ressaltamos o trabalho de reavivamento do que sucedeu na Idade Média, particularmente, claro, no que diz respeito ao estudo das línguas, como forma de recuperação de um encadeamento histórico linear *Antiguidade-Idade Média-Renascimento*, que em algumas revisitações fica remetido aos extremos da enumeração, consubstanciando-se o hiato na desvalorização desse mesmo período temporal. Como nota o autor:

É dos renascentistas que surgiu uma visão extremamente negativa do período medieval, caracterizado como “Idade das Trevas”, um preconceito que se enraizou profundamente na cultura europeia e ocidental, em que o adjetivo *medieval* passou a ser sinónimo, no senso comum, de “atrasado, arcaico, primitivo” e até de “cruel, bárbaro”. (Bagno, 2023a, p. 113).

Apesar de ter existido “um declínio de um vasto campo da vida humana durante os séculos que se seguiram imediatamente ao colapso de Roma” (cf. Robins, 1967, pp. 66–67, como citado em Bagno, 2023a, p. 113), importa não menosprezar ou, sobretudo, não esquecer as eclosões linguísticas e culturais da Idade Média, intento que se cumpre neste capítulo da obra.

No que concerne ao Capítulo 4, que se divide em *Introdução* (pp. 159–160), 4.1 *Florença e Veneza* (pp. 160–161); 4.2 *O humanismo* (pp. 161–163); 4.3 *Revalorização do latim e do grego* (pp. 163–166); 4.4 *Interesse pelo hebraico e pelo árabe* (pp. 166–169); 4.5 *A expansão colonial: do universal para o particular* (pp. 169–177); 4.6 *A ciência moderna* (pp. 178–181); 4.7 *A imprensa* (pp. 181–184); 4.8 *A Reforma* (pp. 185–188); 4.9 *A gramatização das línguas vulgares* (pp. 188–214) e 4.10 *A fixação da norma e o surgimento dos “clássicos”* (pp. 214–218), sublinhamos essencialmente o destaque dado à “revalorização do latim e do grego” (p. 163) mas também às “primeiras descrições de línguas de outros continentes” (p. 171) e ainda à gramatização das línguas vulgares. É precisamente neste capítulo que encontramos as observações mais específicas sobre a

língua portuguesa: 4.9.2 *A gramatização do português* (pp. 197–211) e 4.9.3 *A relatinização* (pp. 212–214).

Por fim, no que diz respeito ao Capítulo 5, repartido em *Introdução* (pp. 219–220), 5.1 *A imperfeição da língua e a necessidade de reformá-la* (pp. 220–225); 5.2 *Racionalistas vs. empiristas* (pp. 226–228); 5.3 *Locke vs. Leibniz* (pp. 228–241); 5.4 *O racionalismo de Port-Royal* (pp. 241–247); 5.5 *Condillac e o empirismo continental* (pp. 247–259); 5.6 *Tooke e as abreviações* (pp. 259–262); 5.7 *A origem das línguas* (pp. 262–266); 5.8 *As academias, o francês, o purismo e a Revolução* (pp. 266–276); 5.9 *O Iluminismo e a Enciclopédia* (pp. 276–292); 5.10 *O legado do período* (p. 292) e 5.11 *O sânscrito e o futuro da linguística* (pp. 292–298), ressaltamos a recuperação dos debates filosóficos que servirão como bases teóricas para os desenvolvimentos linguísticos da época e as notas não só sobre as academias de língua (e as influências normativas que daí advirão) como também sobre a análise do sânscrito como desenvolvimento desencadeador do surgimento “da linguística comparativa indo-europeia do século seguinte” (Bagno, 2023a, p. 295)

Tomo 2

O segundo tomo, para lá do *Sumário* e de três páginas iniciais nas quais se faz uma breve *Apresentação do tomo 2* (no seguimento de *A história que este livro conta*, pp. 34–35, tomo 1), concretiza-se com a exposição do Capítulo 6 – *Século 19 e início do século 20: a linguística que se diz ciência* (pp. 301–560), do *Epílogo* (pp. 561–572), das *Referências bibliográficas* (pp. 573–583) e de três índices (*Índice de assuntos* – pp. 585–591; *Índice onomástico* – pp. 593–600 e *Índice geral* – pp. 601–606).

O Capítulo 6 subdivide-se em onze secções: *Introdução* (pp. 301–304); 6.1 *A institucionalização da ciência* (pp. 304–306); 6.2 *As ideias que circulavam* (pp. 307–334); 6.3 *A linguística e o racismo “científico”* (pp. 335–342); 6.4 *Primórdios da linguística histórico-comparativa* (pp. 342–386); 6.5 *A linguística geral no século 19* (pp. 386–419); 6.6 *Os Jovens Gramáticos e as polémicas do final de século* (pp. 420–445); 6.7 *A reação aos Jovens Gramáticos fora da Alemanha* (pp. 445–465); 6.8 *O desenvolvimento dos estudos fonéticos* (pp. 465–476); 6.9 *Ferdinand de Saussure: o improvável “pai da linguística moderna”* (pp. 476–538) e 6.10 *Antoine Meillet e a linguística sociológica* (pp. 538–560). Neste capítulo, que assume a dimensão de um volume (cf. “A importância do século 19 para os estudos linguísticos justifica, portanto, que seja dedicado a ele um volume completo ...” Bagno, 2023b, p. X), além de se refletir sobre os tempos imediatamente anteriores ao surgimento “oficial” da linguística – “o próprio termo *linguística*, como substantivo, só começou a ser empregado para definir uma área de conhecimento específica e, sobretudo, institucionalizada, justamente a partir do século 19 ...” (Bagno, 2023b, p. 301) – como estudo da linguagem e das línguas num sentido mais intrínseco, discute-se o tradicional posicionamento central de Ferdinand de Saussure, o que nos parece interessante, tendo em conta as informações que nos são apresentadas.

No *Epílogo*, explica-se a paragem no ano de 1921, “bicentenário do nascimento de August Schleicher, ano da morte de Hermann Paul e da publicação de *Linguistique*

historique et linguistique générale, de Antoine Meillet” (Bagno, 2023b, p. 561), e deixam-se algumas notas sobre “os principais desdobramentos da linguística no século 20, desdobramentos que prosseguem século 21 adentro” (Bagno, 2023b, p. 562). Desde os “primeiros núcleos importantes da linguística estruturalista” (p. 563), na Europa, até à globalização atual, e passando, claro, pelos desenvolvimentos do outro lado do Atlântico, nomeadamente nos Estados Unidos, são nomeados, nesta secção, autores, correntes e subdisciplinas que é essencial conhecer.

Como mencionámos, o segundo tomo encerra-se com a apresentação das devidas (sólidas e diversas) referências bibliográficas e de três índices, listagens que se justificam por serem relevantíssimas para uma pesquisa frutífera e rápida.

Concluímos esta breve recensão com a esperança de que sejam muitos (para o seu próprio benefício) os leitores deste livro e de que a obra possa fazer parte das listas de leituras basilares de linguistas do presente e do futuro. Partilhando, em certa medida, do desejo expresso pelo autor nas últimas palavras da sua obra:

“...” esperemos que muitas e muitas gerações futuras “...” possam experimentar o fascínio que a linguagem exerce sobre a imaginação humana e se interessem por estudá-la para que, assim, encontrem os nomes que ainda faltam (e sempre faltarão) para tantas coisas importantes. (Bagno, 2023b, p. 572)

Referências

- Bagno, M. (2023a). *Uma história da Linguística* (Tomo 1). Parábola Editorial.
Bagno, M. (2023b). *Uma história da Linguística* (Tomo 2). Parábola Editorial.
Robins, R. H. (1967). *A short history of Linguistics*. Longman, Green and Co.

[recebido em 08 de agosto de 2025 e aceite para publicação em 24 de outubro de 2025]